

REDES SOCIAIS E CONTROLE: SUJEITO E DISCURSO DA/NA (PÓS-)MODERNIDADE

Ana Claudia Cunha Salum¹

RESUMO: Neste artigo, discuto a relação entre as chamadas Novas Tecnologias e a constituição subjetiva de professores de Inglês em uma sociedade conhecida como (pós-)moderna, o que possibilita entender o modo como esses professores se constituem como sujeitos (pós-)modernos, por meio de relações com e pela máquina. A discussão aqui proposta é parte dos resultados de minha tese de doutoramento, em que problematizo uma nova configuração de esses professores estarem juntos, relacionarem-se, falarem de si, de sua vida e de sua prática pedagógica. Como metodologia, coletei depoimentos de professores de inglês, participantes de duas conhecidas comunidades virtuais para professores de inglês, onde podiam falar sobre sua vida pessoal, profissional e acadêmica. O arcabouço teórico é formado por contribuições de autores como Foucault, Deleuze, Bauman, Maffesoli e Baudrillard, os quais me ajudaram na reflexão das redes virtuais como espaços legíveis de reforço e normalização de certas condutas, assim como uma técnica contemporânea de subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Virtuais; Agenciamento; Técnicas Contemporâneas de Subjetivação.

SOCIAL NETWORKS AND CONTROL: SUBJECT AND DISCOURSE OF / IN (POST-)MODERNITY

ABSTRACT: This article aims at discussing the relation between the New Technologies and the subjective constitution of English teachers in a so-called post-modern world, so that it is possible to understand the way these teachers constitute themselves as post-modern subjects, through their relation with and by the machine. This is part of the results of my thesis, where I discussed a new configuration of these teachers being together, relating to others, talking about themselves, their life and pedagogical practice. As a methodology, I collected some testimonials of English teachers who participated in two well-known virtual communities for English teachers, where they could talk about their pedagogical practice as well as their academic, personal and professional life. The theoretical framework is constituted by authors like Foucault, Deleuze, Bauman, Maffesoli and Baudrillard, who helped me with the discussion of the virtual network as a legible space to the reinforcement and normalization of certain conducts and as a contemporary technique of subjectivity.

KEYWORDS: Social Networks; Agency; Contemporary Techniques of Subjectivity.

¹ Docente da Área de Línguas Estrangeiras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp, desde 2012. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Processos de Significação de Sujeitos e Espaços Escolares - Cnpq. anacl70@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo tem como tema a relação entre as chamadas novas tecnologias e a constituição subjetiva de professores de inglês na contemporaneidade, de modo a entender a maneira como esses professores se constituem como sujeitos (pós-) modernos, por meio de relações mediadas pela e na máquina.

Objetivo compartilhar resultados parciais de minha tese de doutoramento em que me propus a problematizar sobre o que consiste o poder de sedução que certos meios virtuais de relacionamento incidem sobre os professores, em uma era conhecida como (pós-)moderna. Trato de discutir a configuração de uma “nova” forma de o professor estar/sentir-se-junto, de um “novo” modo de se relacionar, de falar de si, de sua história e de sua prática pedagógica.

A pesquisa se estabeleceu, metodologicamente, por meio da coleta de recortes discursivos que compunham os fóruns de discussão de comunidades de professores de inglês, de dois *sites* de relacionamento virtual, a saber, o Orkut e o British Council. Entendo que esses *sites* configuram-se como redes sociais, uma trama virtual, que, “como uma teia, une, mas que também aprisiona; na qual o sujeito (se) escreve, mas que também inscreve o sujeito” (NETTO, 2011, p. 351), dado o seu caráter coletivo e colaborativo, assim como se propõe, por meio de suas próprias definições e objetivos².

Na primeira parte do artigo, apresento algumas considerações teóricas acerca de uma nova forma de organização simbólica, a partir do uso das tecnologias de informação e comunicação. Proponho uma discussão do ciberespaço como um centro potencial de construção de discursos, um dispositivo por meio do qual os sujeitos se situam em um determinado jogo de verdade. A partir de autores como Foucault, Deleuze, Bauman, Maffesoli, dentre outros, discuto as novas técnicas contemporâneas de subjetivação e agenciamento, que provocam um processo de mudança da ordem social.

Em seguida, apresento uma análise da era (pós-)moderna na forma de um paradoxo em que coexistem duas lógicas, aparentemente contraditórias, mas que se implicam uma na outra: uma que valoriza um tipo de autonomia e outra que alimenta e aumenta a

² Nota-se que, de maneira geral, as comunidades virtuais de professores de inglês investigadas se assemelham quanto aos objetivos propostos, que se resumem, basicamente, em integração, cooperação, troca e intercâmbio (de informações, material, dicas e experiências).

dependência, a aceitação passiva de seus usuários, visto que pertencer ou fazer parte de ambientes virtuais de relacionamento é uma prática afinada com o espírito de (pós-) modernidade, que funciona como uma espécie de argumento por autoridade, a partir de certos jogos de verdade. Como principais produções da sociedade atual do espetáculo, as redes sociais virtuais se apresentam com uma enorme positividade, atribuindo aos seus usuários possibilidades de inclusão, de progresso, de transformação e de acesso ao conhecimento, que passa a ser reduzido à informação. Disso decorre a observação de que tanto a revolução tecnológica quanto o processo de estruturação capitalista, que dela se serve e que a ela alimenta, se materializam em um cenário flexível e descentralizado, embora não menos potente em termos de produtividade e de controle.

Redes sociais virtuais: o processo de mudança da ordem social e as técnicas contemporâneas de subjetivação

Eventos como as campanhas para a presidência de um país, preparadas por pessoas em diferentes redes sociais, as campanhas de solidariedade realizadas por internautas para ajudar as vítimas de desastres naturais como terremotos e tsunamis e as organizações políticas para mudança de governo de um país destacam a força, tanto social, quanto solidária, das redes sociais, o que promove e reforça o imaginário de “progresso” social relacionado ao surgimento de redes virtuais de informação, comunicação e relacionamento.

Tal “progresso”, ao mesmo tempo em que trouxe grandes benefícios e experiências para os sujeitos, promoveu questões alarmantes. Uma delas é a que se refere às novas formas de o sujeito se organizar simbolicamente, a fim de viver sua experiência subjetiva, e construir novos modos de subjetivação (FOUCAULT, 1984a [2004, pp. 234-39])³. Temos, então, uma operação historicamente determinada, que produz modos de existência, estilos de vida e relações afinados com o funcionamento de uma dinâmica (pós-)moderna.

Faz-se importante esclarecer que a terminologia (pós-)moderna se encontra diferenciada segundo o autor e a sua concepção teórica. Lipovetsky (2004), por exemplo, trata dos tempos modernos como “hipermodernidade”. Bauman (2001) se refere a esses tempos como “modernidade líquida moderna”, enquanto Maffesoli (2007)

³ Esclareço que a primeira data refere-se ao ano de publicação da obra do autor e a segunda, entre colchetes, ao ano da edição consultada para a escrita do texto.

os concebe como supermodernidade. Esses autores têm em comum o fato de que a contemporaneidade se caracteriza, principalmente, pelo excesso, pela exacerbação do individualismo, pela efemeridade, pelo hedonismo e pelo consumo, decorrentes da globalização e do surgimento das tecnologias de informação e comunicação.

De minha parte, assim como Coracini (2006, p. 134), entendo a realidade contemporânea (pós-)moderna não como substituição da sociedade moderna, mas “atravessada pelo mesmo e pelo diferente, pela racionalidade e, ao mesmo tempo, pela fragmentação, dispersão (heterogeneidade) de tudo e de todos”, considerando, sempre, os seus imbricamentos.

Os processos de subjetivação são formados por modos de subjetivação, maneiras pelas quais o indivíduo se constitui sujeito de sua própria existência e, ao mesmo tempo, por modos de objetivação, os quais determinam em que condições alguma coisa ou alguém pode se tornar objeto para um conhecimento possível (FOUCAULT, 1984a [2004, p. 235]). Os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos e, portanto, podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram. Por dispositivo, o concebo como um sistema de códigos e de regras de comportamento, cuja ênfase é posta nas formas de relação do sujeito consigo próprio, nos procedimentos e técnicas por meio das quais ele as elabora, nos exercícios pelos quais ele se propõe a si mesmo como objeto a conhecer e nas práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser (FOUCAULT, 1984b [2004, pp. 214-15]).

Influenciada pela complexidade e pela atualidade dos estudos foucaultianos, observo que as redes sociais virtuais se constituem em ambientes mediados por regimes de verdade e de controle dos sujeitos, por meio dos quais o sujeito se vê submetido a um sistema de interdições e sujeições, que passam a atuar sobre a sua subjetividade, construindo modos de existência e modos de se relacionar com o mundo e com as demais pessoas. Segundo Foucault (1979a, p. 12), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” – grifos do autor. Isso significa que os sujeitos, ao mesmo tempo em que se servem das redes sociais, são por elas submetidos.

Em toda a rede computadorizada, é possível situar o aparecimento de formas de subjetividade, de formas de saber e de relações entre o homem e a “verdade” que merecem ser estudadas e problematizadas. Portanto, faz-se importante trazer à baila

discussões do ciberespaço como “lugar de origem de um determinado número de formas de verdade” (FOUCAULT, 1973 [1996, p. 12]).

Não há como deixar de realçar a importância das tecnologias de informação e comunicação para o processo de mudança da ordem social. A sua incorporação no cotidiano das pessoas permitiu maior mobilidade e alcance das suas relações, uma (con) fusão entre o público e o privado, entre o conhecido e o desconhecido, uma vez que a constituição do sujeito se dá num ‘local’ onde as fronteiras são apagadas e, paradoxalmente, onde o controle passa a ser intensificado. Tal controle se dá, por exemplo, pela presença de moderadores em comunidades virtuais de professores de inglês, o que me permite admitir que as redes sociais virtuais tornam-se, então, a essência de um projeto (pós-)moderno, na medida em que é, também, por meio delas que tal projeto toma forma e se intensifica.

Assim, entendo que o ciberespaço funciona como um centro potencial de circulação, de disseminação e de construção de discursos, um dispositivo de dominação, na qual os sujeitos se situam em um jogo de verdade, definido por um saber, por uma ordem pré-estabelecida e por um modelo de sujeito. À luz dos estudos de Foucault (1973, 1979, 1984), julgo pertinente entender como funcionam certos jogos de verdade no ciberespaço e como esses instauram regras de conduta e inauguram um novo agenciamento dos sujeitos que a eles se encontram submetidos. Tal submissão pode ser explicada pelo fato de que as tecnologias de informação e comunicação, amparadas pelo discurso da ciência e da mídia, incorrem em efeitos de verdade e mitificação, uma vez que são concebidas como um processo natural e não como uma construção social.

Segundo a perspectiva aqui defendida, as técnicas contemporâneas de subjetivação operam por meio de agenciamentos e colocam em jogo um sujeito que deve ser vinculado a certo estilo de vida, fundado em um imaginário de liberdade. Desse modo, a agência, como um produto de tecnologias particulares de subjetivação, invocam os seres humanos como sujeitos de certo tipo e fornecem as normas e técnicas pelas quais aquela liberdade deve ser reconhecida, agenciada e exercida em domínios específicos.

Com as mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas promovidas com o final da Segunda Guerra Mundial e com a implementação e a expansão das tecnologias de informação e comunicação no final do século XX, os meios tradicionais de confinamento, que operavam em um sistema fechado de fronteiras bem delimitadas, como, por exemplo, a igreja, a escola, a família, a fábrica, a prisão e o hospital, passam

por reformas e são substituídos por formas outras de controle, as chamadas sociedades de controle, que, por serem descentralizadas, produzem um efeito de liberdade.

Contudo, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação continua a “integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos” (DELEUZE, 1990 [1992, p. 220]), eficientemente operados por máquinas de informação e computadores: “substituindo a antiga sociedade disciplinar-totalitária, a sociedade da hipervigilância está a postos” (LIPOVETSKY, 2004, p. 55), por meio de câmeras e aparelhos eletrônicos de identificação de pessoas instalados nas ruas, nos *shopping centers*, nos transportes coletivos e também nas empresas. Há, pois, uma maneira de gerar comportamentos, que se realiza com o mínimo de coerção e o máximo de reflexão e conscientização possível, acentuadas, paradoxalmente, pela ação efêmera dos meios de comunicação e relacionamento virtuais.

Esses processos de transformação contínua da ordem social se realizam de maneira intensiva e extensiva, levando ao surgimento de certa configuração social. O sujeito se vê, então, diante de uma complexa variedade de escolhas, remetido a trocas flutuantes, em uma sociedade que funciona por redes flexíveis e velozes, que o modulam permanentemente, por meio de um controle contínuo e de um “novo” regime de dominação. Desse modo, é possível dizer que o mundo (pós-)moderno constitui-se em um modelo rizomático (DELEUZE & GUATTARI, 1980 [1995]), à medida que adquire uma dimensão de infinitude, com caminhos multiplicados e desdobrados para dimensões não previstas e não controláveis, que permitem a produção de uma subjetividade não mais limitada a lugares específicos de fronteiras resguardadas como outrora, mas expandida em um espaço imaterial das redes comunicacionais, informacionais e relacionais, proliferando os chamados “não-lugares”⁴ (AUGÉ, 1994), concebidos como espaços de transitoriedade e de rápida circulação.

Tal modelo acentua uma espécie de crise das instituições, o que leva os sujeitos a viverem em um ambiente mais segmentado e diverso que outrora. Diante da pluralização dos modos de vida daí resultantes, eles se veem na necessidade de efetuar muitas escolhas, gerando modos de existência, que aqui assumo como sendo sempre produzidos na e pela exterioridade.

⁴ Augé (1994) considera a internet como um ‘não-lugar’, à medida que essa se apresenta como um espaço que possibilita apenas relações efêmeras, fluidas e voláteis, onde não há memória e, mais ainda, onde a criação de laços afetivos e relacionais fica impossibilitada.

Apesar desse efeito de multiplicidade e de abertura causado pela dissipação das fronteiras no mundo virtual, é nas participações dos professores de inglês em comunidades virtuais de relacionamento, objeto de análise deste trabalho, que julgo possível perceber certos dispositivos de controle (pós-)moderno, por meio do qual esses sujeitos se apresentam determinados por uma ordem de discurso que causa os seus dizeres, as suas participações e a construção de determinadas posições sujeito.

Uma análise dos grupos virtuais de relacionamento: mecanismos de controle e normatização social

Freud (1921, [1996]) resume o comportamento psicológico de um grupo como excessivamente emocional, impulsivo, violento, inconstante, contraditório e extremado em sua ação, apresentando apenas as emoções rudes e os sentimentos menos refinados; extremamente sugestível, descuidado nas deliberações, apressado nos julgamentos, facilmente influenciado e levado, despido de autorrespeito e de senso de responsabilidade, com um comportamento que se assemelha mais ao de uma criança indisciplinada.

Os indivíduos transformados em um grupo são colocados na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. Seus dotes particulares se apagam num grupo, e sua distintividade desaparece: o que é heterogêneo submerge no que é homogêneo. Num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, levando o indivíduo a sacrificar seu interesse pessoal ao interesse coletivo.

Bauman (2003), por sua vez, associa o termo comunidade a sensações de segurança conforto e aconchego, sempre uma coisa boa, e, por essa razão, desejada com ardor. É a possibilidade de contar com a boa vontade dos outros, cujo dever é sempre o de ajudar o(s) outro(s) e cujo direito é o de esperar a ajuda de que se precisa. Na comunidade, não se deseja má sorte uns aos outros, pois “nunca somos estranhos entre nós. (...). O que essa palavra evoca é tudo aquilo [de] que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2003, pp. 8-9), outro nome para o paraíso perdido, mas muito desejado. No entanto, para o autor, a vida em comunidade nos priva da liberdade e da individualidade: segurança e liberdade,

comunidade e individualidade são qualidades urgentes e indispensáveis, mas, ao mesmo tempo, incompatíveis e inconciliáveis.

É pertinente destacar que a concepção de grupo em Freud (1921 [1996]) e a de comunidade em Bauman (2003) aproximam-se do imaginário dos professores inscritos em comunidades virtuais, materializado durante as discussões sobre suas participações nas comunidades virtuais de relacionamento, como ilustramos a seguir⁵:

R1 - (ELT Online community – Chris Lima’s Research Project – Read the results!) *I have been lucky enough to read the whole 46-page academic paper, and it is fascinating to see the insights of our most active community members. The good news is that everyone seems to agree that the community is useful and interesting... the only problem faced by most of us is LACK OF TIME!!! Well, here at the British Council, we’ll try and start working on a Time Machine... so teachers get a chance to spend a few hours each week just ‘catching up’!! Bye for now. (Graeme, 15.1.2009)*⁶

De acordo com Santos (2003), o progresso tecnocientífico, com a introdução da competência tecnológica, aguçou a luta pela sobrevivência, atribuindo uma superioridade incontestável àqueles que participam do universo virtual, como emerge no recorte discursivo do professor Graeme, que se considera com bastante sorte (*lucky enough*) pela possibilidade de acessibilidade promovida pela comunidade virtual ELT da rede British Council, à qual ele pertence e da qual participa e, portanto, pela possibilidade de acesso às “benesses” do mundo virtual, como, por exemplo, atualização e modernização. Há, pois, uma veneração às redes sociais, como se a simples participação das pessoas ou o seu acesso garantisse a ocorrência de mudanças e uma posição privilegiada em relação aos que não têm uma possibilidade de acesso ou mesmo aos que não querem participar da rede.

Nesse imaginário, essas redes sociais associam-se a sensações de completude, completude essa que carrega a possibilidade e o desejo de atualização e modernização que parece se concretizar, exclusivamente, via redes sociais de relacionamento de

⁵ Esclareço que os recortes ilustram as relações entre os dizeres dos professores inscritos em comunidades virtuais de relacionamento e o discurso e o sujeito da (pós-)modernidade, os quais, assumo, encontram-se imbricados.

⁶ Os recortes discursivos que compõem esse texto serão assim organizados: i) o nome da rede social; ii) o título do fórum de discussão; iii) a mensagem postada e iv) entre parênteses, o nome do professor e a data de postagem da mensagem.

professores. É como se o simples fato de pertencermos a uma rede social virtual e dela participarmos (mesmo que não tão assiduamente como, no caso, o professor Graeme gostaria) garantisse a ocorrência de mudanças significativas em nossas vidas, como atualizar-se ou modernizar-se, por exemplo. Revivem-se, assim, sonhos antigos mesmo diante de “novas” tecnologias de comunicação, que (re)introduzem comportamentos igualmente antigos diante da reverência a imagens totêmicas: endeusando-as e, com isso, atribuindo-lhes poderes, como, por exemplo, o de mudança e o de “felicidade”.

Nota-se que as forças do capitalismo e do desenvolvimento tecnológico suscitaram novas demandas, abrindo e aprofundando carências e ampliando as distâncias entre as pessoas e as classes sociais. É o “darwinismo social” (SANTOS, 2003, p. 126), uma lógica de sobrevivência que se legitima e se naturaliza, ampliando a ideia do “ou eu ou você”, já que o próprio sistema passa a ser excludente por não poder incorporar a todos no universo capitalista dos consumidores, dentre os quais se destacam os virtuais. É importante, pois, questionar o que pode ser considerado um “desenvolvimento” tecnológico e pensar nas possibilidades de este acarretar uma exclusão ainda maior daqueles que não possuem uma competência tecnológica ou os que não conseguem se incluir ou se adaptar a uma lógica capitalista e consumista que tem as chamadas novas tecnologias como suas grandes representantes.

Assim como Baudrillard (1997 [2002, pp. 20, 144]), para quem o novo espaço público, ao invés de trazer novas possibilidades de expressão, liberdade e franqueza, implica novas formas de servidão voluntária, enfatizadas pelo feudalismo tecnológico do qual nos encontramos inteiramente dependentes, Lipovetsky (2004) considera que os tempos hipermodernos se caracterizam por uma disciplina que consiste mais em controlar os homens que em libertá-los.

Reforçando o conceito foucaultiano de disciplina (que se refere, basicamente, a um conjunto de regras, cujos efeitos produzem uma conduta normatizada e padronizada, contribuindo para o adestramento e submissão dos indivíduos), Lipovetsky (2004) acentua a superficialidade e a frivolidade da sociedade, que impõe a normatividade não mais pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade, e, acrescento, pela sedução. Ressalta-se, dessa maneira, a observação de que a sanção contra os que não participam das redes sociais está justamente no “horror de perder uma experiência que os outros (tantos outros) prezam e de que desfrutam” (BAUMAN, 2003, p. 63), ou, para o professor Graeme, a sanção estaria em não ter a “sorte” de

acessar as 46 páginas do trabalho acadêmico, disponibilizado na rede virtual na qual ele se inscreve.

Desse modo, para Lipovetsky (2004, p. 20), “[o]s mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação”, como aparece no recorte abaixo:

R2 - (ELT Online community – Chris Lima’s Research Project – Read the results!) ... *I really like hanging around here [in the BC ELT Community]. If I have to use the Internet, for sure, visiting the ELT Community is a must. Since the first time I started using this for over 3 years ago I have put this as one of things I deal with over the internet. And it costs me nothing to come online and deal with this community. It is not necessary to spend more than 10 minutes on it if you come every single day. (...).* (Paulo, 16.1.2009)⁷

Observa-se, nesse recorte, que, ao mesmo tempo em que acentua as facilidades e o prazer em lidar com a comunidade virtual, o professor Paulo acaba (se) impondo um tempo ou período mínimo de participação (*10 minutes, every single day*). As participações em redes sociais mediadas pelo computador supõem, em seu princípio, uma maior liberdade e autonomia, que seduzem pela possibilidade de deslocamento e subversão da noção de tempo e de espaço. No entanto, tal liberdade e autonomia, ao que tudo indica, acarretam mais responsabilidades aos participantes dessas redes, uma vez que lhes impõem a necessidade de experiências “novas” e, além disso, demandam a assiduidade e a permanente participação nas discussões e o consumo dos ‘serviços’ oferecidos pelas redes, tal como notamos no recorte discursivo de Paulo.

Diante da desestruturação das instituições sociais, vivemos em uma época cuja sensação é de autocontrole, independência e liberdade. No entanto, entendo que “todo ganho em autonomia se faz à custa de nova dependência”, como declara Lipovetsky (2004, p. 21). Depreende-se, pois, a ideia de que a Era (Pós-)Moderna se apresenta na forma de um paradoxo em que coexistem duas lógicas, aparentemente contraditórias, mas que se implicam uma na outra: uma que valoriza um tipo de autonomia e outra que alimenta e aumenta a dependência.

⁷ Fonte: http://www.britishcouncil.org.br/elt/_v2/forum/forums/thread-view.asp?tid=1424&po... (acesso em 02.09.2009).

Portanto, ‘navegar’ na rede e, no caso, pertencer a comunidades virtuais de relacionamento, outrora um privilégio e uma conquista, se tornou, agora, imprescindível (*a must*), uma “nova” necessidade e, ainda, uma necessidade a mais. Diante da ditadura tecnológica, cuja demanda gira em torno de participar efetivamente desses espaços virtuais de comunicação e relacionamento, sob o risco de ser excluído ou sob o risco de não sermos ‘atualizados’, sucumbimos a essa exigência (como no recorte anterior, em que Paulo considera que não lhe custa nada participar da comunidade virtual - *it costs me nothing*) e nos tornamos subordinados aos ditames de uma lógica do desenvolvimento tecnológico, que sugere e intensifica a obrigatoriedade de uma participação em redes virtuais.

À imprescindibilidade e à necessidade, que nos são impostas para uma filiação nessas redes virtuais, relaciona-se o caráter de trivialidade e, portanto, de naturalidade dessas participações. Tal caráter de naturalidade implica na inquestionabilidade da importância dessas redes e na aceitação passiva de seus usuários, visto que pertencer ou fazer parte de ambientes virtuais de relacionamento é uma prática afinada com o espírito de (pós-)modernidade, que funciona como uma espécie de argumento por autoridade, a partir de certos jogos de verdade, que nos colocam diante da obrigação da iniciativa de pertencer e participar dessas redes, sob pena de não sermos nem modernos nem atualizados, reforçando a memória de um ‘eu cartesiano’, uma vez que, acredita-se, não há busca ou vida fora da rede.

Como principais produções da sociedade atual do espetáculo, essas redes sociais virtuais se apresentam com uma enorme positividade: “[n]ão diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”” (DEBORD, 1967 [2004, pp. 16,17])⁸. Em *A sociedade do espetáculo*, a crítica de Debord (1967 [2004]) se concentra no modo de produção capitalista (que, acredita-se, tem o consumo como um forte alicerce), que induz os sujeitos à contemplação passiva do mundo. O autor contesta a perversão da vida (pós-)moderna, na qual se nota uma preferência pela imagem, pela aparência, pela ilusão e pela imobilidade, em lugar da atividade de pensar e de reagir com dinamismo. Não há, então, saída: atualizar-se ou até mesmo transformar-se, participando de redes virtuais de relacionamento, se reforçam, como emerge do seguinte recorte:

⁸ Grifos do autor.

R3 - (Orkut – continuam indicando sites é muito educativo) *aprendi muito com os sites recomendados era uma professora medíocre depois que entrei nesta comunidade, sou uma professora esforçada, e os alunos dizem que sentem saudades das minhas aulas, acredito que estou bem melhor. Agradeço a todos, vamos partilhar mais idéias (sic) lucrar é bom, mas trocar idéias (sic), fazer amizades é fundamental, considero esta comunidade de auto-ajuda e de aperfeiçoamento profissional. BJS!* (Daniella, 12.11.2008)⁹

A facilidade e a disponibilidade dos bens e serviços, os quais, nessas redes, se resumem a informações e a ideias, trazem uma “confortável vertigem dessa interação eletrônica e informática” (BAUDRILLARD, 1997 [2002, p. 132]), uma espécie de realização ao, imaginariamente, facilitar e transformar a vida de seus usuários, como, por exemplo, a da professora Daniella, no recorte anterior, que, de *medíocre*, passou a ser uma professora *esforçada, bem melhor*, ou, ainda, do professor Paulo, que posta o seguinte comentário:

R4 - (ELT Online Community – Another question) (...) *In addition to that, this community has helped me become more proud of being an ELT professional, that is why I got much focused on the public education.* (Paulo, 30.09.2008)¹⁰

e, ainda, da professora Lizlima:

R5 - (ELT Online Community – Ask a question about English grammar) *For me this site has been a good virtual place to learn English and to interact with other teachers. It's very important to share experiences and discuss about teaching* (Lizlima, 20.1.2009)¹¹

Como objetos de contemplação, essas redes virtuais representam o *locus* da transformação e, portanto, constituem-se em ambientes sacralizados, aos quais são atribuídos, geralmente, um caráter positivo e produtivo, o que explicaria uma forma de alienação do espectador frente ao objeto contemplado. Imersos em práticas e relações virtuais, nada é questionado, uma vez que só há espaço para uma espécie de

⁹ Fonte: <http://www.orkut.com.br/CommMsgs?cmm=170763&tid=2498257748100728271> (acesso em 27.10.2009).

¹⁰ Fonte: <http://www.britishcouncil.org.br/elt/v2/forum/forums/thread-view.asp?tid=1381&po...> (acesso em 02.09.2009).

¹¹ Fonte: <http://www.britishcouncil.org.br/elt/v2/forum/forums/thread-view.asp?tid=116&start...> (acesso em 10.09.2009).

encantamento e de realização: “o sujeito realiza-se perfeitamente aí [na virtualidade], mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico” (BAUDRILLARD, 1997 [2002, p. 133]). Ao tratar do ciberespaço como um espaço em que a liberdade e a descoberta são meras simulações, Baudrillard (1997 [2002]) considera que o êxtase da comunicação consiste na interrogação automática que encontra a resposta automática da máquina, uma vez que “o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos” (BAUDRILLARD, 1997 [2002, p. 132]).

Observa-se, dessa forma, que o imaginário dos usuários das comunidades virtuais sobre as (suas) participações em redes sociais encontra-se afinado com o discurso das novas tecnologias, que atribui a elas possibilidades de inclusão, de progresso, de transformação e de acesso ao conhecimento, que passa a ser reduzido à informação e atribui sentido às práticas profissionais desses sujeitos e, até mesmo, às suas experiências pessoais. Disso decorre a observação de que tanto a revolução tecnológica quanto o processo de estruturação capitalista, que dela se serve e que a ela alimenta, se materializam em um cenário flexível e descentralizado, embora não menos potente em termos de produtividade e de controle. Desse modo, parece-me incontestável o fato de que nessas redes há uma relação de imbricamento e de coexistência da sociedade tanto de controle quanto disciplinar.

Foucault (1973 [1996]) faz uma distinção do tratamento dado ao corpo na sociedade disciplinar e na de controle. Segundo ele, na sociedade disciplinar, o corpo dos indivíduos era feito para ser supliciado e castigado. Na de controle, o corpo é “o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar” (FOUCAULT, 1973 [1996, p. 119]). Nesse sentido, acredito que as relações mediadas pela máquina, “longe de esmagarem a subjetividade, produzem possibilidades de relação dos sujeitos consigo mesmos como sujeitos de certo tipo” (ROSE, 2001, p. 199), por meio e a partir de práticas nas quais o sujeito se elabora, se (trans)forma e atinge um certo modo de ser.

Algumas considerações, para finalizar

Partindo da análise dos recortes discursivos, faz-se pertinente aventar que as produções discursivas dos professores de inglês inscritos em comunidades virtuais de relacionamento se apresentam com a tarefa de produzir e de controlar comportamentos e, simultaneamente, condenar outras formas de conduta e de vivências pedagógicas que não as padronizadas. Os modos de subjetivação nesses ambientes, por sua vez, são pautados em padrões estabelecidos advindos do processo de normatização social, a qual compõe uma “política geral de verdade”¹² (FOUCAULT, 1979a, p. 12), visando à intensa e permanente regulação das condutas, que tenta converter o professor a um estado de normalidade, uma vez que transforma a diferença em algo a ser eliminado. No entanto, essa normalização não pode ser confundida com opressão, visto que ela se apresenta mais como uma “forma de exercício de maximização do prazer pela tecnologia de poder que inclui a todos” (STEINBERG, 2004, p. 171).

Nessa perspectiva, uma sociedade caracterizada por redes computadorizadas não é composta de “mecanismos globais em equilíbrio somando-se a mecanismos locais disciplinares, mas de mecanismos descentralizados, sem regularidade de conexões, mas que ainda assim funcionam”, segundo Steinberg (2004, pp. 180-81). A rede de computadores, pela sua descentralização do acesso físico, se apresenta como um poderoso mecanismo de poder, de extração da produtividade, que não precisa ser global para ser produtiva, uma vez que até os que não se encontram ‘plugados’ sentem os efeitos da rede, apontando, assim, para o que Steinberg (2004, p. 190) chama de “política em pedaços, ou em *bits*”. Apesar da suposta ou aparente liberdade e igualdade (de relações e de condutas), a rede de computadores funciona por meio de vigilância e regulação e, desse modo, pode ser concebida não apenas como uma tecnologia material, mas, sim, e principalmente, como uma tecnologia de poder.

Dessa forma, assumo as redes virtuais como espaços legítimos de esforço de normalização de condutas e reforço a ideia de que estamos vivendo em uma era em que a multiplicidade e a volatilidade, ao mesmo tempo em que dificultam, ajudam no aumento da vigilância e do controle. A regulação de comportamentos, a instituição de condutas e a exclusão de atitudes diferentes daquelas consideradas padrão são postas em funcionamento também nesses ambientes virtuais.

¹² Segundo Foucault (1979a, p. 12), tal política corresponde aos “mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros”.

No texto *O olho do poder*, Foucault (1979b, pp. 209-227) discorre sobre o *Panopticum*, de Jeremy Bentham, uma tecnologia de poder própria para resolver os problemas de vigilância, através de um sistema ótico em que um grande número de pessoas estaria nas mãos de um pequeno número, considerando a visibilidade organizada inteiramente em torno de um olhar dominador e vigilante: uma visibilidade universal, que age em proveito de um poder rigoroso e metuculoso.

Assim, como bem defende Bauman (2008, p. 58), penso que as redes virtuais, frutos de um sistema contemporâneo, estão mais ligadas ao sinóptico, em que é possível observar os vários olhares convergindo para um só e, ainda, a vigilância, o monitoramento e a correção da conduta dando lugar à autovigilância e ao automonitoramento: “em lugar de colunas em marcha, enxames que encontram seu caminho sem a colaboração e as ordens do estado-maior” (BAUMAN, 2003, p. 115). Enquanto, no sistema panóptico, o olhar impedia o mal e até mesmo o desejo de fazê-lo, no sinóptico, o olhar engendra, como me parece acontecer, nas redes sociais virtuais, uma gestão dos sujeitos que estabelece a interiorização de modelos e condutas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. (1997). *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CORACINI, Maria José. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José (Orgs.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006. pp. 133-156.
- DEBORD, Guy. (1967) *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DELEUZE, Gilles. (1990) *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, F. (1980). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. I. Tradução Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. (1973) *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado; Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

- _____. Verdade e poder. In: MACHADO, Roberto (Org. e tradução). *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 1979a. pp.1-14.
- _____. O olho do poder. In: MACHADO, Roberto (Org. e tradução). *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 1979b. pp. 209-227.
- _____. (1984a) Foucault. In: _____. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Tradução Elisa Monteiro; Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v.5, pp. 234-239.
- _____. (1984b) O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: _____. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Tradução Elisa Monteiro; Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5, p. ?
- FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 79-156.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- NETTO, Ângela Derlise Stübe. Um passeio pelo Orkut: representações sobre o ‘ser brasileiro’. In: CORACINI, Maria José; UYENO, Elzira Yoko; MASCIA, Márcia Ap. Amador (Orgs.). *Da letra ao píxel e do píxel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. pp. 343-368.
- ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e tradução). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 137-204.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as Novas Tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- STEINBERG, Gustavo. *Política em pedaços ou política em bits*. Brasília: Ed. UnB, 2004.

Recebido em 04/08/2015.

Aceito em 09/12/2015.